ENSINO DE HISTÓRIA ENTRE RIMAS E RESSIGNIFICAÇÕES

ZENILDO LEAL

RESUMO
A pesquisa analisa a República Brasileira a partir das letras de RAP. O objetivo é o de investigar a visão dos de baixos constituída sobre a República Brasileira tendo como fonte histórica as letras de RAP, bem como, a que grau elas podem ou não contribuir como ferramenta pedagógica em sala de aula, contribuindo não só para novas ecologias de saberes como nos aponta Boaventura, mas também proporcionando o ampliar dos saberes a novos sujeitos e suas novas pedagogias conforme nos apresenta Miguel Arroyo. Busca-se discutir que, as letras de RAP além de se constituírem como importante fonte histórica, podem trazer novos olhares não só sobre a República Brasileira, mas também propiciar novas perspectivas ao ensino de história. Encaro os rappers como "ideólogos do gueto", pensadores periféricos, refletindo e articulando saberes a partir da periferia junto aos seus pares, nisso constroem e ressignificam fatos históricos a partir de suas urgências e contextos sociais, nos apresentando uma República Brasileira de forma própria, porém, em constante diálogo com os movimentos sociais. Para cumprir tal objetivo, analisaremos as letras de RAP dos grupos popularmente conhecido entre os pares como "Original RAP Nacional", produzidos entre a década de 90 e meados da primeira década do século XXI. As letras de RAP foram escolhidas a partir de marcos históricos definidos previamente, buscando-se nelas elementos que contribuíssem para análises da República Brasileira na perspectiva dos debaixos.

PALAVRAS-CHAVES: Ensino de História. RAP. República.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo analisar a República Brasileira forjada em 1889, tendo como fonte as letras de RAP brasileiro, produzidas entre os anos de 1988 e 2012, bem como, verificar o potencial das letras de RAP, no que tange ao ensino de história. Buscamos analisar as interpretações e representações que tais compositores e intérpretes constituíram a partir de suas vivências e experiências às margens do slogan "Ordem e Progresso", sobre marcos históricos pós fundação da república.

Para isso teremos como norteador de nossa análise os estudos sobre o Movimento Hip-Hop, mais precisamente sobre a música RAP, e as possibilidades de seu uso nas práticas pedagógicas no ensino de história. Bem como, a tensão entre os saberes produzidos pelos "debaixos" com a visão homogênea oficial.

RAPublicano

O rap, independentemente do seu ritmo acelerado, ensurdecedor e rebelde, representa um instrumento político de uma juventude excluída. Independentemente do seu conteúdo muitas vezes agressivo e provocador, indica uma ação pedagógica de jovens em processo de escolarização ou mesmo evadidos da escola. Quem observa o seu conteúdo, analisando a sua letra, independentemente do seu gosto musical, vai encontrar uma leitura da vida social, do "fazer" da sociedade, comparada a muitos cientistas sociais que apenas superam esses jovens na linguagem culta e específica do universo científico. É de se espantar! (ANDRADE, 1999, p. 86).2

Diante do exposto acima, o RAP não é fruto meramente do vivenciar da realidade, situação que por si só é de se estimar, mas seus interlocutores ao relatarem suas realidades constituem e elaboram uma análise do contexto histórico, social e cultural no qual estão inseridos. Stuart Hall em seu livro Da diáspora: identidades e mediações culturais nos aponta que a cultura popular é um espaço de contestação que se constitui a partir de "experiências, prazeres, memórias e tradições do povo. Ela tem ligações com as esperanças e aspirações locais, tragédias e cenários locais que são práticas e experiências cotidianas de pessoas comuns." (HALL,

2013, p. 378)
Discutir a República a partir do RAP, e/ou discutir o RAP a partir de sua visão sobre a República, pode não só trazer novas problematizações como desierarquizar o currículo escolar que como nos aponta Ivor Goodson é uma construção social, sujeito a mudanças e flutuações, não sendo neutro como a própria seleção e organização do conhecimento escolar. Ou seja, assim como a República o currículo é um espaço de disputa que muitas vezes acaba encarnando os interesses do "vencedor", tendo grupos sociais determinando quais conteúdos serão tratados e quais serão excluídos, legitimando ideias e visões de mundo.
Segundo Hall e Woodward , "é por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos", nisso o RAP talvez possa contribuir na construção de uma identidade e de pertencimento.
Cleber Santos Vieira nos aponta que:

Na arte de interpretar e os sentidos históricos da bandeira nacional, o dever cívico que impulsiona as formulações dos legisladores é tão legítimo quanto as representações perpetradas pelos movimentos sociais. Quando vistas sob o prisma de uma sociedade heterogênea, permeada por problemas e conflitos, os emblemas da nação são reelaborados, passam a desconstruir a Bandeira Nacional enquanto emblema a-histórico, construindo novos sentidos e, portanto, outras formas de se pensar a história do Brasil. Enfim, o desenvolvimento do Brasil em bases democráticas implica também reconhecer as formas pelas quais os diversos grupos sociais encontram para representar a comunidade política imaginada. (VIEIRA, 2006)

E parte desses novos sentidos históricos que o grupo Z'África Brasil no RAP A Cor Que Falta Na Bandeira Brasileira apresenta em suas rimas que ressignifica a bandeira nacional brasileira:
E do passado que restou, é rubro terror
Como o vermelho de Xangô a cor do amor
Que pulsa no coração com passos de ódio e paixão
Esparramando sangue ao chão
Na eterna contradição de uma nação
Verde, amarelo, azul, branca e vermelha
São as cores que compõem a bandeira brasileira
Só que o vermelho não quiseram botar
É cor de sangue, é cor de morte, é cor de farsa
É todo o sangue derramado nesses 500 anos
É toda a história maquiavélica tramada nos nossos mocambos
A dominação de um fogo por ouro
Fora o sofrimento de um povo
Que foram se acabando aos poucos
Meus antepassados indígenas celebravam os deuses
Hoje me lembro que os índios são poucos
E só aparecem as vezes
Quando são queimados vivos em praça pública
Por uma raça sádica que faz o mal a sua cultura

Ao questionar a idealização da bandeira nacional brasileira o grupo Z'África Brasil evoca Xangô, orixá considerado deus da justiça e da sabedoria, mostrando que apesar de saberem o que representa o vermelho em sua ancestralidade, a cor na bandeira nacional representaria a carnificina praticada por "uma sádica raça que faz o mal a sul cultura". (Z'África Brasil, 2002) A cor vermelha é apresentada como uma parte da história ocultada na construção e representação dos símbolos nacionais, que ao não a ter, omite parte dos fatos significativos que foram cruciais para a formação do Brasil enquanto nação como nos aponta Vieira:

Esta representação da identidade nacional foi inserida, assim, em um contexto de fabricação da nação e do patriotismo. A comunidade imaginada pelos intelectuais da primeira república passava, juntamente com o hino nacional, a ser firmada como o símbolo de uma nação sem conflitos sociais, sem diferenças políticas, sem história. À moda brasileira estruturavam-se as condições para um culto homogêneo socioeconômica e da classe social, as pessoas se identificaram com o símbolo por uma questão a priori, o fato de ser brasileiro. Encobria-se, então, o passado de opressão e genocídio. O esque-

cimento necessário para se construir o mito do Brasil mestiço, da democracia racial, da integração ordeira e pacífica entre negros, índios e colonizadores. (VIEIRA, 2006)

O RAP como educador

A importância da música na produção do conhecimento histórico atraiu olhares de historiadores como Eric Hobsbawm que, em História Social do Jazz disserta sobre o jazz nos Estados Unidos e como ele nos ajuda a compreender o cenário urbano e suas transformações entre o final do século XIX e começo do século XX. Hobsbawm torna visível que a música mais que ser um mero conjunto de harmonias é também retrato de uma época, refletindo marcos históricos do período no qual está inserida.

Outros estudos de historiadores trazem a música como fonte, entre eles, podemos destacar José Vince de Moraes e Elias Saliba que, em História e música: canção popular e conhecimento histórico, discute o potencial que a canção popular tem diante das reflexões historiográficas. Nesse mesmo ritmo também vem Marcos Napolitano, em "História e música popular: Um mapa de leituras e questões", traçando um roteiro de leituras e questões teórico-metodológicas em torno da reflexão historiográfica sobre a música popular brasileira. (NAPOLITANO, 2007)

Já no campo de ensino de história temos João Pinto Furtado (1998) em A música popular no ensino de história, Martins Ferreira (2005) em Como usar a música na sala de aula, obras prescritivas. Diferente dos autores anteriores Diego Sávio da Costa Fernandes em sua dissertação de mestrado, intitulada de Representações do Hip-Hop em livros didáticos investiga a forma como é representado o Hip-Hop nos livros didáticos de história, literatura e português, nos mostrando que não basta inserir símbolos jovens em meio às páginas, se os tratam como mero expectadores da produção do conhecimento, os limitando á meras formas de atrair seu público.

Grazielly Alves Pereira (2019), por sua vez, em Resistências afro-brasileiras no ensino de história: a sala de aula e as letras de RAP que, em sua dissertação de mestrado explana que no Brasil, assim como, em Nova York, o RAP assume um tom social e crítico, tornando-se o canal de comunicação de uma maioria da população até então silenciada. (PEREIRA, 2019, p. 11) Nesse sentido tanto o RAP como o Movimento Hip-Hop foram analisados por diferentes lentes, que traz à luz do debate seus aspectos de politização e socialização. Entre essas análises destacamos aqui os estudos de Juarez Dayrrel que discute a contribuição da música RAP no processo de socialização da juventude nas periferias de Belo Horizonte, em O RAP e o funk na socialização da juventude publicado em 2005. Também de Minas Gerais Roberto Camargos com RAP e política: percepção da vida social brasileira, analisa o RAP em seu aspecto político problematizando o incomodo que ele causa nos seguidores do discurso homogêneo. De São Paulo temos Andréia Moassab em Brasil periferias(s): a comunicação insurgente do Hip-Hop que discute a ruptura estética com a produção cultural hegemônica, tornando audível a voz silenciada das periferias. (MOASSAB, 2011)

Para a realização dessa pesquisa selecionamos de início 17 letras de RAP , tendo como critério de escolha o potencial que elas possuem referente a alguns marcos históricos. Sendo esses, pré-definidos a partir de questionamentos levantados no decorrer das aulas ministradas em escolas da rede pública em diferentes cidades do Estado de São Paulo, em que a visão apresentada nos livros didáticos homogeneizava a história, excluindo personagens e contextos, mesmo muitas vezes trazendo o próprio RAP e o HIP-HOP como "facilitador", como nos aponta Diego Sávio .

Temas como a escravidão, abolição, pós-abolição, movimentos sociais, reforma agrária, ditadura civil e militar de 1964, imigração nos anos 70 e 80 do século XX, urbanização, imperialismo e neoliberalismo nos RAP selecionados são abordados com um outro olhar, aproximando a história aos sujeitos.

Consciência Humana, grupo da zona leste da cidade de São Paulo, nos explicita em Mãe África não só o tráfico de pessoas via Atlântico, como também, nos apresenta os maus tratos físicos e psicológicos pelo qual foram submetidos os que no continente africanos foram sequestrados e transportados nos

navios negreiro, nome homônimo de outro RAP do grupo. Já tratando da pós-abolição e escancarando o tratamento que a carne negra recebe, temos GOG, rapper de Brasília, que em Carta à Mãe África nos apresenta a situação do negro no início do século XXI em que, nas rimas da Negro Drama, música dos Racionais, um dos ícones do RAP brasileiro, somos colocados diante do descaso pós reabertura política realizada em 1988. Em se tratando de movimentos sociais iremos analisar três RAP que tratam da questão agrária e de como os movimentos que lutam pela terra são tratados, bem como, ressignificando personagens históricos como o Lampião. Sonho Real, do rapper GOG, Mudar o Mundo do grupo Face da Morte da cidade de Hortolândia, e, Rei do Cangaço, RAP do grupo da zona sul de da capital paulista Z'África Brasil. Discutindo um período nefasto da história recente do Brasil traremos os RAP Anos de Chumbo e Televisão do grupo Face da Morte que problematiza o período da ditadura civil e militar iniciada em 1964. Trazendo Marighella sob outra perspectiva em Marighella (Mil faces de um homem leal), Mano Brown rima a vida de um dos mais emblemáticos combatentes à ditadura civil e militar de 1964, nos apresentando não só o autor do Manual do Guerrilheiro Urbano, mas o homem dentro de suas contradições. Paralelamente a essa questão analisaremos os anos 70 e 80 do século XX junto ao processo de urbanização através dos RAP Periferia tem o seu lado bom do grupo Consciência Humana, O Trem música do grupo da zona oeste da capital paulista RZO, Antigamente Quilombo, Hoje Periferia do grupo Z'África Brasil, e, Castelo de Madeira do grupo do interior de São Paulo, A Família. Para finalizar refletiremos o neoliberalismo através dos RAP dos grupos A Família que em Alcaminhoparadestruição discute a imposição econômica e política dos Estados Unidos aos países da América Latina destruindo a soberania e aprofundando a miséria. Facção Central em Isso Aqui é Uma Guerra traz o impacto do desemprego e da pobreza diante de uma democracia que se limitou a garantir privilégios de uma minoria que, em Fim de Semana no Parque do grupo Racionais MC's contrasta com a realidade da maioria. Finalizaremos com o grupo Consciência Humana que na música Raciocine dilacera as estruturas de opressão e de desigualdade da qual a república constituiu, garantindo o status quo do mesmo grupo que antes se beneficiou do sistema escravocrata.

TRAFICANDO INFORMAÇÃO (INTERLOCUTOR ENTRE OS MOVIMENTOS SOCIAIS E AS QUEBRADAS)

Seja bem-vindo ao meu mundo sinistro, saiba como entrar
Droga, polícia, revólver, não pode saiba como evitar
Se não acredita no que eu falo
Então vem aqui pra ver a morte de pertinho para conferir
Vai ver que a justiça aqui é feita à bala
A sua vida na favela não vale de nada (...)

Juntando o trecho acima do RAP Traficando Informação, do rapper carioca MV Bill, junto com a letra Pânico na Zona Sul do rapper paulista Mano Brown, entendemos o papel ao qual o RAP se propunha na última década do século XX. Papel esse que como o título da letra do RAP Traficando Informação nos revela é traficar saberes, analogia feita ao termo usado para identificar ações de pessoas vendendo substâncias ilícitas.
MV Bill não só ressignifica o termo "traficar", ele ao se colocar como traficante de informação demonstra que o próprio conhecimento só chegara nas favelas e periferias através de uma ruptura com uma lógica social da qual os "debaixos" devem ser meros receptores de conhecimento. Tal postura não diz só propriamente ao objeto a ser traficado, mas também de quem o trafica, principalmente quando verificamos o papel imposto aos jovens negros e pobres, bem como aos espaços que a eles até então eram destinados.
Como o próprio MV Bill colocou em entrevista, realizada pela revista Rap Brasil em 1999, ao ser perguntado sobre há quanto tempo traficava informação, responde que traficava desde os 14 anos, só que através do RAP foi a partir dos anos 90, que ele descobre:

(...) que o rap é a música da informação, da

educação e não tem como você informar se você não estiver informado. Eu comecei a ler vários livros como Quilombo, Zumbi dos Palmares, entre outros.

A forma como se coloca MV Bill e o Mano Brown, dialoga com o que Arroyo disserta:
Os movimentos sociais trazem para a pedagogia algo mais que conselhos moralizantes tão do uso das relações entre mestres e alunos. Recolocam a ética nas dimensões mais radicais da convivência humana, no destino da riqueza socialmente, na função social da terra, na denúncia da imoralidade das condições inumanas, na miséria, na exploração, nos assassinatos impunes, no desrespeito à vida, às mulheres, aos negros, na exploração até da infância, no desenraizamento, na pobreza e injustiça...
(...)
Eles reeducam os indivíduos, os grupos e a sociedade. Mostram a urgência do reencontro da pedagogia com essas dimensões éticas tão determinantes nas possibilidades de formação e humanização, inclusive da infância popular que conduzimos como educadores.
Nos processos educativos há um misto explosivo de condições objetivas, de crenças, valores, culturas, memória, identidades, subjetividades, emoções, rituais, símbolos, comemorações... que se dão de maneira privilegiada nos movimentos sociais. (ARROYO, 2003, p. 42 – 43)

Nessa perspectiva o RAP coloca no chão o conhecimento e chama os periféricos e favelados para discutir não só a realidade na qual estavam inseridos, mas também realizam o que Joel Rufino dos Santos chamou de "negatividade histórica". Eles fazem do RAP a busca de outro si mesmo, para além da alteridade desse outro presente, que não é de si. (SANTO, 1994, p. 46)
No entanto, nem sempre esse "outro olhar" foi considerado, nem pela escola e muito menos pela mídia, que de forma covarde o ligou à criminalidade.

PENSANDO O ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DO RAP
Os RAP a serem analisados foram escolhidos levando-se em conta os marcos históricos por nós definidos previamente, a ideia aqui não é criar uma linha linear do tempo a partir do currículo estabelecido pelas redes de ensino. A história republicana reivindicada pelos rappers e consequentemente rimadas em suas letras, perpassam o traço histórico constituído e apresentado nos livros didáticos, são uma teia de saberes e questionamentos feitos a partir do tempo presente em qual estão localizados.
Diante disso, realizamos um levantamento dos RAP que dialogassem com os marcos históricos propostos e pensados por nós inicialmente: Escravidão, Abolição e pós-escravidão – Movimentos Sociais e Reforma Agrária – Ditadura Civil Militar de 1964 – Migração (anos 70 e 80) e Urbanização – Imperialismo e Neoliberalismo. Foram elencados 171) RAP, tendo como critério principal a abordagem durante de algum dos marcos históricos propostos, de forma direta ou indireta, como é o caso do RAP O Trem do grupo RZO, que ao rimar sobre o transporte de nome homônimo ao nome do RAP rimado e cantado por eles, nos apresenta a realidade de quem enfrenta o transporte público, ou seja, de como o sonho da urbanização como progresso, não se fez a todos e a todas:

E eu peço a oxalá e então
Sempre vai nos guardar
Dai-nos forças pra lutar, sei que vai precisar
No trem, meu bom, é assim, é o que é
Então centenas vão sentados
E milhares vão em pé
E em todas as estações, ali preste
Atenção nos PF's
O trem para o povo entra e sai
Depois disso, o trem já se vai
Mas o que é isto? Esquisito
E várias vezes assisti
Trabalhador na porta tomando borrachadas
Marmitas amassadas, fardas, isso é a lei?

Os RAP aqui analisados tratam dos marcos históricos de forma objetiva, nos propiciando elementos para pensarmos e refletirmos sobre cada problemática proposta, porém, para um olhar mais apurado e pensando na prática, construímos uma tabela, a qual tem por objetivo subsidiar o trabalho em sala de

aula. Consideramos como critério da confecção da tabela: o RAP, o marco histórico analisado nos RAP e a faixa etária.

RAP	Marco histórico	Faixa etária
Racionais – Negro Drama	Escravidão/abolição/pós-escravidão	8º e 9º ano do Ensino Fund. II, EJA (Fund. II)
GOG – Carta à Mãe África	Escravidão/abolição/pós-escravidão	8º e 9º ano do Ensino Fund. II, EJA (Fund. II)
Consciência Humana – Mãe África	Escravidão/abolição/pós-escravidão	8º e 9º ano do Ensino Fund. II, EJA (Fund. II)
GOG – Sonho Real	Movimentos Sociais/Reforma agrária	8º e 9º ano do Ensino Fund. II, EJA (Fund. II)
ZÁfrica Brasil – Rei do Cangaço	Movimentos Sociais/Reforma agrária	8º e 9º ano do Ensino Fund. II, EJA (Fund. II)
Face da Morte – Mudar o Mundo	Movimentos Sociais/Reforma agrária	8º e 9º ano do Ensino Fund. II, EJA (Fund. II)
Face da Morte – Anos de Chumbo	Ditadura Civil e Militar de 1964	8º e 9º ano do Ensino Fund. II, EJA (Fund. II)
Face da Morte – Televisão	Ditadura Civil e Militar de 1964	8º e 9º ano do Ensino Fund. II, EJA (Fund. II)
Racionais – Marighella (Mil faces de um homem leal)	Ditadura Civil e Militar de 1964	8º e 9º ano do Ensino Fund. II, EJA (Fund. II)
Consciência Humana – Periferia tem o seu lado bom	Imigração anos 70/80 e urbanização	8º e 9º ano do Ensino Fund. II, EJA (Fund. II)
RZO – O Trem	Imigração anos 70/80 e urbanização	8º e 9º ano do Ensino Fund. II, EJA (Fund. II)
A Família – Castelo de Madeira	Imigração anos 70/80 e urbanização	8º e 9º ano do Ensino Fund. II, EJA (Fund. II)
ZÁfrica Brasil – Antigamente Quilombo, Hoje Periferia	Imigração anos 70/80 e urbanização	8º e 9º ano do Ensino Fund. II, EJA (Fund. II)
A Família – AUCAmorhoparadestruição	Imperialismo/Neoliberalismo	8º e 9º ano do Ensino Fund. II, EJA (Fund. II)
Consciência Humana – Racismo	Imperialismo/Neoliberalismo	8º e 9º ano do Ensino Fund. II, EJA (Fund. II)
Racionais – Fim de Semana no Parque	Imperialismo/Neoliberalismo	8º e 9º ano do Ensino Fund. II, EJA (Fund. II)
Facção Central – Isso Aqui é Uma Guerra	Imperialismo/Neoliberalismo	8º e 9º ano do Ensino Fund. II, EJA (Fund. II)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O RAP pode servir de fonte de pesquisa e entendimento de um determinado tempo e fatos históricos, com suas rimas subversivas e questionadoras apresentam uma perspectiva da sociedade ancorada em suas experiências e vivências, utilizando-se de samples que juntamente às rimas musicalizam os pensamentos dos indesejáveis. Por outro lado, fica evidente que os RAPs aqui analisados podem ser utilizados em salas de aulas, e principalmente nas aulas de História, como fonte histórica a se problematizar determinado fato histórico, gerando reflexão e novos saberes.

O processo de pesquisa e metodológico proposto através do RAP no ensino de história por essa pesquisa, faz parte de uma movimentação maior que envolve desde trechos de RAPs citados e utilizados em questões de vestibulares até mesmo a inserção do álbum “Sobrevivendo no Inferno” do grupo Racionais MC´s na lista das obras obrigatórias para o vestibular da Unicamp . Ter o RAP como fonte histórica é uma escolha não só metodológica, mas também uma escolha política, principalmente quando compreendemos os movimentos sociais como educadores, como nos apresenta Miguel Arroyo em Outros Sujeitos, Outras pedagogias.

Apesar de ter analisados os RAPs à luz da República Brasileira, eles permitem um leque amplo de discussões e problematizações. Podemos discutir e problematizar as questões étnicos raciais, a violência urbana e rural, a questão agrária brasileira, o conceito de democracia, o encarceramento em massa, identidade afro-brasileira, assim como, outros marcos históricos, como por exemplo: a abolição, a redemocratização do país, a escravidão, revoltas populares. Enfim, através do RAP se abre um cabedal de possibilidades que respeitado as experiências e vivências dos alunos podem contribuírem para a formação de pessoas compromissadas a transformação de suas realidades.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Elaine Nunes de. (Org.). O Rap e Educação – O Rap é educação. São Paulo: Summus, 1999.

FERNANDES, Diego Sávio da Costa. Representações do Hip Hop em Livros Didáticos. 2013. Exame de qualificação (Mestrando em Educação e Saúde na Infância e Adolescência) - Universidade Federal de São Paulo.

GOODSON, Ivor. A construção social do cur-

rículo. Lisboa: Educa, 1997.

HALL, Stuart, WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.

VIEIRA, Cleber Santos. A (DES)CONSTRUÇÃO DOS SÍMBOLOS NACIONAIS. IN: Anais do I circuito de Debates Acadêmicos. IPEA, 2006.